

UMA EDUCAÇÃO COMO INVENÇÃO EM DALCÍDIO JURANDIR: A LITERATURA COMO CONVITE AO PENSAR/FILOSOFAR

Gilcilene Dias da Costa – PPGED/PPGEDUC/UFPA

Roseli Moraes Cardoso – PPGED/UFPA

Resumo

A escritura do texto situa-se nos interstícios entre Filosofia, Literatura e Educação, por meio de um exercício descritivo-interpretativo de situações educacionais vivenciadas pelo personagem Alfredo no romance *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), de Dalcídio Jurandir. O trabalho visa espreitar os modos vivenciais de uma educação amazônica presente nos rastros da literatura dalcidiana e no contexto de sua época, em diálogo com NIETZSCHE (2000; 2003), DELEUZE (1997; 2014), LARROSA (2001; 2004), GALLO (2008) na perspectiva de uma educação como *invenção*. Em *Chove nos campos de Cachoeira*, a educação é um dos rios navegados pelo personagem Alfredo em sua aposta por mudança de vida e formação, uma mudança que não parte de um plano individual, pois o menino de Dalcídio perfaz o sofrido itinerário do seu povo em seu anseio por dias melhores, desejo coletivo nascido ao sabor das jogadas do caroço de tucumã, seu talismã, fonte criadora de uma vida singular e múltipla.

Palavras-chave: Educação menor; invenção; Dalcídio Jurandir.

UMA EDUCAÇÃO COMO INVENÇÃO EM DALCÍDIO JURANDIR: A LITERATURA COMO CONVITE AO PENSAR/FILOSOFAR

LINHAS DE ENTRADA

Queria aprender para mudar de sol. [...] Em vez de sentar no poente do meio-dia. Que a gente não dormisse. Enfim saber ler e escrever para mudar as faces das coisas.

(Dalcídio Jurandir)

Ao percorrermos linhas e sentidos cifrados na obra dalcidiana *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), intencionamos, no presente texto, traçar alguns itinerários de pensamentos sobre a educação de tempos passados e atuais no contexto amazônico,

partindo do protagonismo literário de Dalcídio Jurandir (1909-1979) como um escritor paraense singular (e não como um “Autor *da* Educação”), que teve sensibilidade e acuidade de traduzir em letras, cenários e vestígios de sua própria vida marajoara misturada à inventividade de modos de vida e de uma educação como *invenção*, nascidos das jogadas de carço de tucumã do pequeno Alfredo – personagem intrigante do romance que nos toma pelas mãos com seu convite ao pensar/filosofar.

Partimos do entendimento de que aquilo que Dalcídio Jurandir tem a dizer não reporta ao plano do desvendar “verdades” submersas em águas amazônicas e não condiz, sobretudo, a um patamar de literatura vista por alguns como “regionalismo literário”, ao contrário, suas linhas não são sentenças, mas pontos de vistas singulares que transpassam as fronteiras literárias, geográficas e temporais com uma intensidade no dizer e no silenciar e uma ousadia no pensar modos de vida e de uma educação como *invenção*, espreitando a *vida* como jogada de criação lá onde eventualmente ela é sofrimento e resignação.

Por meio de um exercício descritivo-interpretativo do pensar com Dalcídio Jurandir, invocamos Nietzsche, Deleuze, Larrosa, entre outros, no intuito de fazer emergir uma educação singular e múltipla, individual e coletiva, criada e enredada por Dalcídio nas linhas do romance *Chove nos campos de Cachoeira*, ou seja, almejamos potencializar uma perspectiva de educação como *invenção*; uma educação “encharcada” de situações e experiências formativas que atravessam os itinerários do pequeno Alfredo nos campos de Cachoeira (Ilha do Marajó-PA), onde experimenta os sabores e os dissabores da vida nascidos das jogadas do carço de tucumã (lance de dados do destino e perspectiva criadora do novo), instigando-nos a pensar o que somos e o que nos tornamos nos itinerários de nossa própria formação.

Com isso, almejamos interligar os campos da Filosofia, Literatura e Educação nos meandros da obra dalcidiana, dando vazão aos ecos de uma escrita que inventa e descreve modos de vidas singulares e múltiplos da educação marajoara, confabulando arte literária e criação de realidades. Percorrendo esse itinerário, interrogamos: Quais os caminhos e situações educacionais vivenciadas por Alfredo em seu itinerário de formação? Que vivências e experiências formativas Dalcídio proporciona ao pequeno Alfredo e que nos levam a pensar sobre os contextos da realidade educacional amazônica de tempos passados e presentes?

Metodologicamente, o texto se assenta em uma abordagem filosófica de caráter bibliográfico. Ampara-se nas perspectivas de NIETZSCHE (2003), DELEUZE (1997), LARROSA (2001; 2004), GALLO (2008), entre outros, como procedimento de análise e de interpretação de algumas situações educacionais descritas no romance dalcidiano, perfazendo um vínculo entre Filosofia-Literatura-Educação. Larrosa corrobora esse entrelaçamento partindo de sua própria experiência de escritura:

Diria, para começar, que a literatura tem sido para mim uma experiência de linguagem e uma experiência de pensamento. Ao mesmo tempo. E é aí, nessa experiência de duas caras, nessa experiência na qual ler e escrever de outro modo é indissolivelmente pensar de outro modo, e ao inverso, é aí, nessa experiência dupla, onde Literatura e Filosofia não são outra coisa que os pólos que tensionam tanto o espaço do que nos é possível pensar como o âmbito do que nos é possível dizer, também, naturalmente, o que nos é possível pensar e o que nos é possível dizer em relação a isso que a todos nos ocupa e nos preocupa e que chamamos educação. (LARROSA, 2004, p. 345)

Pensando com Larrosa, dizemos que Dalcídio transtorna a sua linguagem, colocando em jogo o próprio escrever e o que vem a ser a Literatura; sua experiência de linguagem interrompe o sentido usual das palavras até fazê-las inventivas e de modo interpretativo; instiga uma “atitude filosófica” de luta contra os rótulos da linguagem da Pedagogia. Enfim, na companhia desses autores, arriscamo-nos a cruzar as íngremes veredas da educação nos interstícios da filosofia e da literatura, abrindo trilhas que nos possibilitem perscrutar uma educação singular em Alfredo (“uma educação menor”), com ecos de problematização da “Educação maior” que circunda nosso presente.

Larrosa tomado por orgulho nietzschiano considera que precisamos inspirar outro pensamento à Educação. Uma educação que esteja ligada à vida por meio da cultura, “viver é interpretar, dar um sentido ao mundo e atuar em função desse sentido” (LARROSA, 2003, p.17), é uma espécie de totalidade da vida envolvendo sensações e percepções do ser no mundo. Nesse pensar nietzschiano de uma educação para a vida, não pretendemos sobremaneira criar um novo conceito de Educação, e sim, potencializar uma perspectiva de educação como *invenção*, ou seja, dar visibilidade aos modos de uma “educação menor” enredada nos domínios de uma cultura amazônica que grita seu modo singular de existir.

ALFREDO E A ESCOLA DE PROENÇA

Iniciamos este tópico explorando o seguinte questionamento: Por quais meios e linguagens Dalcídio Jurandir exprime uma educação marajoara em *Chove nos campos de Cachoeira*? Com isso não buscamos, de modo algum, construir verdades sobre os escritos dalcidianos, e sim, pensar uma “educação menor” nascida de situações peculiares no contexto amazônico que Dalcídio Jurandir foi capaz de captar.

Numa perspectiva nietzschiana, deleuziana e larrosiana, consideramos que Dalcídio avança possibilidades de pensar uma educação de forma *subversiva*, já que as águas de Cachoeira do Arari não são para Alfredo um obstáculo intransponível à sua aguçada imaginação. Mais que isso: “Quando o vosso coração se dilata, amplo e pleno, tal como um rio, bênção e perigo para os que vivem às suas margens: ali está a origem de vossa virtude” (NIETZSCHE, ZA, 2000, p. 103). Isso nos permite nomear também essa educação como resistência e *invenção* no contexto amazônico. O desejo: *Ele precisava sair daquela escola do seu Proença, da tabuada, do “argumento” dos sábados, [...] da palmatória embora nunca tenha apanhado, daqueles bancos duros e daqueles colegas vadios que todo dia apanham e ficam de joelhos* (JURANDIR, 1995, p.89). Fugas sempre experimentadas com o auxílio do cajueiro e do inseparável caroço de tucumã, sua fonte criadora.

Desgarrando uma de suas interfaces, Dalcídio inventa e problematiza uma realidade escolar que se mostra semelhante a inúmeros contextos escolares onde impera o tradicionalismo, o descaso do poder público, a inércia pedagógica, entre outros fatores, e apresenta algumas impressões do pequeno Alfredo sobre a escola de Proença, desvendando certos métodos e práticas de ensino no campo da educação, de onde ressoa um currículo enfadado, acompanhado de um conteúdo programático decorativo como a tabuada, argumentos e discursos sempre rotineiros sem expectativas de transformações e uma prática disciplinar através da punição exemplificada pela palmatória. *Mas a escola de Proença com a Flor, D. Rosa, o recreio à tarde, o Baltô sempre apanhando séries e séries de dúzias de bolos, Euzébia jogando a catinga pra D. Rosa, a quantidade de chamadas --- Flor? Vem cá, Flor...* (JURANDIR, 1995, p.143).

Os limitados cenários que configuram a escola de Proença no horizonte das crianças marajoaras nos levam a descortinar um questionamento sobre as realidades de uma educação vivida mais amplamente: Qual o valor dessa educação, uma vez que estudantes e professores em diferentes contextos e regiões de nosso país (especialmente, Norte e Nordeste) são lançados à sorte de uma educação sem qualidade, abandonada

pelo poder público e encerrada em duros bancos, sem maiores perspectivas? Suspeitamos que Dalcídio vislumbre no pequeno marajoara um outro tipo de educação, desejo que escorre pelo não dito que habita as margens do dito, ou seja, uma educação como *invenção*, possibilitando a criação de realidades como singularidade de um tempo e lugar, mas que certamente transborda para outros contextos e temporalidades instigando-nos a pensar sobre as condições em que vivemos a educação no presente.

A ideia de uma educação como invenção em Dalcídio nos reporta ao conceito de *educação menor* proposta por Sílvio Gallo em *Deleuze & a Educação* (2008). Tomado por uma perspectiva deleuziano-guattariana (de “literatura menor”), Sílvio Gallo aponta que a *educação menor* cria trincheiras contra o contexto predominante, a *Educação maior*, e nos convida a pensar: “E se nos pusermos a pensar em educar como um cão que cava seu buraco, um rato que faz sua toca? No deserto de nossas escolas, na solidão sem fim – mas superpovoada – de nossas salas de aula não seremos, cada um de nós, cães e ratos cavando nossos buracos?” (GALLO, 2008, p. 71).

Partindo desta suposição de *educação menor* nomeamos uma perspectiva de educação singular no contexto amazônico, traduzida nos itinerários formativos de Alfredo, na obra dalcidiana; uma educação gestada nos meandros da própria Educação que o contexto oferece, mas que imprime alta dose de resistência, ousadia e subversão aos limites impostos. Por entre os itinerários de vida do pequeno Alfredo, Dalcídio escava novas perspectivas formativas, novas buscas, novos encontros, e também, novas fugas; uma *educação menor* que sempre levará à desterritorialização de uma territorialidade controlada, a novos agenciamentos, como propõe Sílvio Gallo.

O personagem Proença, ao assumir um lugar de professor no romance, mesmo em condições nada favoráveis de ensino poderia “ser um vetor da produção de superação, de condições de superação dessa miséria, ser um vetor da libertação, de possibilidades de libertação” (GALLO, 2008, p.61) se aliado aos anseios do *novo* que reverbera na silenciosa recusa das crianças pela rotina do mesmo. Contudo, recorrendo a uma assertiva nietzschiana, “a cultura não pode reproduzir e crescer quando a educação está orientada para uma profissão, uma carreira, uma função, um cargo, quando é movida pelo ‘espírito utilitário’” (NIETZSCHE, 2003, p.11). Isso implica considerar que além desse mergulho deleuziano que provoca o professor a ser um vetor de superação e de libertação, ele necessitaria, sobretudo, travar consigo mesmo uma luta em diferentes ângulos e facetas, sendo capaz de reinventar-se na docência.

Transbordado de realismo e ficcionalização, Dalcídio projeta especialmente no personagem Alfredo certas situações educacionais e condições de existência, por isso o amparo, neste texto, a um exercício descritivo-interpretativo do pensar como procedimento metodológico de análise. Por esse meio, desconfiemos que o pequeno Alfredo, assim como Nietzsche, almejava uma educação que cultivasse valores culturais e a elevação do pensamento, pois o menino desejava para além do saber vivenciado e apreendido dentro do estabelecimento de ensino, que alguém lhe ensinasse e mostrasse a *vida*, outra vivência diferente de Cachoeira do Arari. Mais um desejo: *Faltava quem o compreendesse, o animasse, o ensinasse não só estudar como lhe mostrar a vida* (JURANDIR, 1995, p. 144). Provocações dalcidianas, a fim de que a Literatura assim como nós mesmos não sejamos demasiado estúpidos e possamos sentir-nos *vivos*.

Sendo um menino de pouca idade, Alfredo é ousado e transpõe os limites de sua infância, movido pelo desejo (já amadurecido em sua convicção) por *outra* educação, outra formação; uma educação não somente escolar, como a que vivenciava na escola de Proença, permeada por parâmetros e modelos a serem seguidos e praticados entre quatro paredes, de modo contrário, desejava uma educação que respeitasse as experiências que o educando carrega consigo, aquilo que ele é capaz de nomear fora da sala de aula, ações, acontecimentos, encontros, desencontros.

Com Deleuze e Guattari (2014) aprendemos que instaurar, inventar, criar uma “literatura menor” (ou uma “educação menor”, nos meandros aqui pensados,) requer um *gesto subversivo*, um ato de revolta e de coragem, fazendo da sala de aula “a toca do rato, o buraco do cão”, erguendo trincheiras contra os fluxos instituídos de poder, mas também, e sobretudo, é um gesto que exige *leveza* e desprendimento de espírito (como em Nietzsche), e para o qual se necessita de pés ágeis e mãos ligeiras para ensaiar pequenos passos de dança e compor movimentos plásticos capazes de destituir a rigidez do corpo e da própria moral.

Na desterritorialização dos gestos, *entre alunos maliciosos e oprimidos* (JURANDIR, 1995, p.143), reside o germe de uma educação revolucionária desejosa de acontecer, e mais vale se deleitar em comer os cajuí de todas as tardes, perder-se nas infinitas jogadas do caroço de tucumã a submeter-se ao já vivido de todo dia. Na perspectiva de uma “educação menor”, segundo Sílvio Gallo, se faz produtivo

desterritorializar os princípios, as normas da educação maior, gerando possibilidades de aprendizado insuspeitadas naquele contexto. Ou, de dentro da máquina opor resistência, quebrar os mecanismos, como

ludistas pós-modernos, botando fogo na máquina de controle, criando novas possibilidades. A educação menor age exatamente nessas brechas para, a partir do deserto e da miséria da sala de aula, fazer emergir possibilidades que escapem a qualquer controle (GALLO, 2008, p.67).

Reivindicamos, com isso, o direito à *criação-alegre* para não vivermos à sombra de valores estabelecidos. Ecos dalcidianos de uma “literatura menor” como convite a que cada um descubra a sua minoria íntima nas condições coletivas do existir. Deleuze e Guattari em *Kafka: por uma literatura menor* (2014, p. 35-37) identificam três características constitutivas à “literatura menor”. A primeira, a *desterritorialização* da linguagem: a busca por tensionar os limites das línguas de Estado, sua dominação e imposição; provocar uma torção na própria língua geradora de uma língua estrangeira, singular a um povo. “Quantas pessoas hoje vivem em uma língua que não é a sua? Ou então não conhecem mesmo mais a sua, ou não ainda, e conhecem mal a língua maior de que são forçadas a se servir?” (p. 40). A segunda, a de que tudo nela é *político*: o esforço em fazer com que os casos individuais se entrelacem à política, a um programa político. “Seu espaço exíguo faz que cada caso individual seja imediatamente ligado à política” (p. 36). A terceira, o seu valor *coletivo*: a escrita solitária do escritor é sempre o resultado de uma enunciação coletiva. “O que o escritor sozinho diz já constitui uma ação comum” (p. 37).

Com isso arriscamos dizer que Dalcídio Jurandir impetrou na Literatura Maior o germe revolucionário de sua “literatura menor”, pois, além de *desterritorializada*, a função *política* de sua escrita é eminentemente *coletiva*, de onde ecoa os clamores da sua “aristocracia de pés no chão”, “a sua arraia miúda”. E em meio ao gesto subversivo dessa literatura, “a máquina literária toma assim o lugar de uma máquina revolucionária porvir, de modo algum por razões ideológicas, mas porque só ela é determinada a satisfazer as condições de enunciação coletiva que faltam por toda outra parte nesse meio: *a literatura é a tarefa do povo*” (DELEUZE & GUATTARI, 2014, p. 37).

Invocando a perspectiva nietzschiana objetivando discutir as nuances da educação na narrativa dalcidiana, por meio das impressões e vivência do pequeno Alfredo, enunciamos a proposta de transformação das instituições de ensino alemãs pensada por Nietzsche, ele propunha uma educação para os jovens que estivesse ligada à vida através da cultura. “Uma nova concepção da educação e uma nova orientação pedagógica que dessem a eles novos e diferentes objetivos e métodos, conteúdos e

formas” (NIETZSCHE, 2003, p.13), e conduzida por gestores (não por burocratas) capazes de legislar com base na “grande cultura, maturidade experiência” (p. 13).

O diagnóstico de Nietzsche nos convida a perspectivar outro pensamento à educação dentro dos estabelecimentos de ensino e assim revitalizar os jovens/estudantes – massificados para o ofício de mercado, para a reprodução da cultura de massa –, propiciando a estes uma educação pelo autocultivo da grandeza do espírito e o desenvolvimento do pensamento e da cultura. Segundo Jorge Larrosa, para o filósofo alemão “viver é interpretar, dar um sentido ao mundo e atuar em função desse sentido” (LARROSA, 2009, p.17). É uma espécie de totalidade da vida envolvendo sensações do ser e estar no mundo sob diferentes ângulos e facetas.

Embora o filósofo Nietzsche e o escritor Dalcídio Jurandir tenham vivido em contextos e épocas distintas, ao revitalizarmos a escola de Proença a partir do olhar de Alfredo, no século passado, podemos dimensionar as contribuições de Nietzsche quando ele referencia os estabelecimentos de ensino da Alemanha e a valorização da educação cultivada pela renovação dos valores culturais na juventude.

AS JOGADAS DO CAROÇO DE TUCUMÃ

Recorrendo ao recurso inventivo da literatura dalcidiana percebemos que Dalcídio, e mais ainda Alfredo, usam de astúcia, inocência e inventividade para jogar com os dados do destino, diria Nietzsche, ou com os “caroços de tucumã”, diria Dalcídio, e em dada jogada ao acaso, fazem gerar *uma vida*, uma única vida a ser vivida porque somente ela pode ser vivida singularmente. *Os meninos do mundo inteiro não conhecem o carocinho de tucumã de Alfredo. As fadas morreram, o encanto vem dos tucumãzeiros da Amazônia. O carocinho tem magia, sabe dar o Universo de Alfredo* (JURANDIR, 1995, p. 262).

Alfredo e Zaratustra perfazem a emblemática figura da *inocência* na criação. “Inocência, é a criança, e esquecimento, um novo começo, um jogo, uma roda que gira por si mesma, um movimento inicial, um sagrado dizer ‘sim’” (NIETZSCHE, ZA, *Das três metamorfoses*, 2000, p. 53). Alfredo caminha e corre pelos campos de Cachoeira na companhia de seu caroço de tucumã, enquanto Zaratustra dança e canta seu canto à vida acompanhado de seus animais: a águia e a serpente. Pura afirmação! Jogadas ao acaso

regidas por *aiôn* (tempo-acontecimento) que não teme a *criação-alegre* e a *destruição-alegre* como transmutação do peso e da dor.

Dalcídio, além de exímio escritor romancista, também bebeu nas águas da filosofia, da sociologia, da poesia, vendo o caroço de tucumã como o talismã do menino marajoara que o permite pensar e criar modos de vida, ainda que improváveis; compara o valor do caroço com o mesmo valor em relação à varinha de condão das fadas, à lâmpada mágica de Aladim. Quando a bolinha “faz-de-conta” subia e caía na palma da mão de Alfredo o pensamento do menino flutuava e lhe provocava devaneios.

[Clara] Era como uma criatura que tivesse nascido também das fruteiras, dos muricizeiros, das rezinas, dos mumurés, daquelas águas e daqueles peixes que as grandes chuvas traziam para Cachoeira [...]. Clara ou a morte de Clara tinha de ficar de mistério dentro de Alfredo. Ficou dentro do carocinho. Toda a vez que Alfredo desejava uma menina para passear nos campos, ser amiga dele no colégio, ler com ele os livros de viagens, o carocinho fazia Clara da idade do menino e era meia hora de sonho (JURANDIR, 1995, p.173-174).

Para Alfredo a perfeição de instituição escolar era o colégio fluminense, agarrando-o nos pensamentos como possível libertação da vida miserável que presenciava nos campos de Cachoeira. Alfredo tinha certa admiração pelo colégio e sempre o contemplava nas revistas da tipografia do seu pai Major Alberto, embora soubesse das dificuldades de ingressar na escola fluminense. Outro desejo: *É nele que quer estudar. Os meninos ali devem ser bonitos e fortes* (JURANDIR, 1995, p.89).

Diante desse “ideário” de meninos *fortes* e *bonitos* no Colégio Anglo-Brasileiro do Rio de Janeiro, nos interrogamos: O que ressoa, nesse discurso que, por contraste se reporta a ser menino “feio e fraco” na Amazônia? Talvez nele ressoe as desigualdades sociais e os visíveis contrastes dos modos de vida entre regiões que pouco confluem na geografia do Brasil; de norte a sul persiste no tempo e em nossos dias uma assimetria gritante de condições dignas de vida, onde não se pode ser “bonito” e “saudável”, não se pode ser feliz nos confins da Amazônia, longe da imposição global dos grandes centros.

Além das imposições aventadas pelas tramas discursivas do poder, a fracassada vivência escolar de Alfredo alimenta ainda mais o desejo do menino de sair de Cachoeira; era a contemplação da escola fluminense que o satisfazia, somente ele, o Anglo-Brasileiro, junto com a bolinha o libertariam daquela escola sem vida, da moléstia que o assombrara toda infância, da miséria em Cachoeira, era a fuga certa diante da prevenção do mundo que criara em sua imaginação. O desejo de formação de

Alfredo é capaz de transpor as águas que separam Cachoeira dos lugares onde deseja estar e dos conhecimentos que deseja construir.

Nesse pensar deleuziano de criação, avistamos novas perspectivas de educação que escapem ao controle sistematizado. Dizemos que Dalcídio inventa um lugar, um povo (porvir), um modo de vida e de pensar; cria (nos termos deleuzianos) uma “educação menor” no interior da Amazônia, uma educação que se desterritorializa do contexto de uma “educação maior”, majoritária, dominante; uma educação menor não em seu valor diminuto, e sim, porque por suas potencialidades nascem por entre frestas que fazem emergir o *novo*; uma educação que cria novas possibilidades de educar, nem “além” nem “aquém”, mas dentro das condições de possibilidades de existir. É desse modo que o escritor, por meio da *desterritorialização* de sua “literatura menor” cumpre o papel de sua função *política* e enunciação *coletiva*, de forma revolucionária, pois, “é a literatura que produz uma solidariedade ativa, malgrado o ceticismo; e se o escritor está à margem ou apartado de sua comunidade frágil, essa situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade” (DELEUZE & GUATTARI, 2014, p. 37).

Alfredo e os moleques oprimidos que matavam passarinhos para saciar a fome ganham um espaço de superação das suas misérias, potencializado pela perspectiva de uma “educação menor” dentro da “educação maior” arcaica e dominante no meio em que vivem, seja na escola de Proença ou nos campos de Cachoeira ou dentro do carocinho de tucumã. Dentre as várias situações que Alfredo vivenciou junto com a bolinha faz-de-conta, há uma jogada ao acaso que o aproxima da experiência de (quase) morte de seu irmão Eutanázio. A inabilidade com a situação (e também de todos na casa) levava seus pensamentos cada vez mais longe, refugiava-se junto ao caroço e o desejava ainda mais como salvação, *o faz-de-conta era a única salvação*.

Alfredo saiu da janela e voltou ao seu carocinho. Estava certo de que não sairia mais daquele chalé onde todos pareciam cada vez desconhecidos, mas irremediavelmente separados. Não podia fugir. O colégio era um sonho, faz-de-conta era a única salvação; mas as mãos paravam fatigadas de tanto jogar o carocinho.

Feito uma ilha nos campos cheios, defronte do rio cheio, o chalé ficava mais distante do mundo, mais longe da cidade, parecia boiar nas águas e se perder pelos campos, desaparecer pelos lagos. Alfredo sentiu uma vontade de chorar, de gritar, de perguntar a Eutanázio: por que tu não morres? Uma vontade de lutar contra tudo que conspirava contra ele, que lhe fechava o caminho do colégio, da cidade, o caminho do mundo (JURANDIR, 1995, p.284-285).

O espanto e a inércia de Alfredo diante da quase morte de seu irmão Eutanázio lhe dão indicações de uma quase confirmação de que seus sonhos iriam escapar como o caroço de tucumã, como se a possibilidade de estudar em outro lugar, de descobrir outros mundos, outras pessoas morresse junto com seu irmão Eutanázio, o homem hipocondríaco.

Quando como se estivesse longe de seu talismã, Dalcídio descreve Alfredo como um garoto assombrado por periódicas febres que deixavam marcas de feridas nas pernas e na alma. *O paludismo lhe deixara marcas profundas. Sim, precisava também sair de Cachoeira por causa da febre. De vez em vez lá vinha a febre* (JURANDIR, 2005, p.153). O sonho do Anglo-Brasileiro se esfumava nos sonhos do menino contemplativo e como consolação desejava estudar ao menos na capital belenense, em algum colégio que se aproximasse do colégio fluminense. *O seu Anglo-Brasileiro ia se desfazendo aos poucos, ou pelos menos, se esfumando. Já queria ficar ao menos em Belém, nalgum grupo escolar* (JURANDIR, 1995, p.143). Receamos que a moléstia, a febre quase permanente, também foi um desencanto e tormento para Alfredo permanecer em Cachoeira, --- *Mamãe, me mande para Belém. Eu morro aqui, mamãe. Cresço aqui e não estudo. Quero estudar, quero sair daqui!* (JURANDIR, 1995, p.190).

Carocinho, faça Alfredo no colégio, livre do querosene, da carne, do açúcar e do pão (JURANDIR, 1995, p.262). Preces dalcidianas ao querido talismã a fim de mandar as feridas de Alfredo para longe daquelas águas com cheiro de inundação. Além da frustrada escola de Proença e a desestimulada relação com o próprio professor, o garoto das pernas marcadas de feridas e febres frequentes queria fugir daquela miséria em Cachoeira. *Crescia sempre alheio à miséria dos meninos que vinham pedir farinha no chalé* (JURANDIR, 1995, p.202).

Pensando nesses acontecimentos que circundam Alfredo, e mergulhando no amparo deleuziano, Silvio Gallo reafirma a perspectiva de uma “educação menor”:

A educação menor cria trincheiras a partir das quais se promove uma política do cotidiano, das relações diretas entre os indivíduos, que por sua vez exercem efeitos sobre as macro-relações sociais. Não se trata, aqui, de buscar grandes políticas que nortearão os atos cotidianos, mas sim empenhar-se nos atos cotidianos. Em lugar do grande estrategista, o pequeno faz tudo do dia-a-dia, cavando seus buracos, minando os espaços (GALLO, 2008, p.68).

Desse modo, Dalcídio ficcionaliza uma educação transgressora, subversiva, que rompe as barreiras entre real e imaginário ao projetar uma “educação menor” integrada

às vivências locais e aos saberes culturais apreendidos pelos modos de vida amazônida, porém o faz por meio de uma “literatura menor” capaz de se desterritorializar, de cavar seu próprio buraco na Literatura, como propõe Deleuze, sendo extemporânea, ao sabor das jogadas do caroço de tucumã.

OS “CAJUS” DE TODAS AS TARDES

A educação como invenção no romance de Dalcídio Jurandir cria um espaço de pensamento sobre as experiências que permeiam a constituição do amazônida e das condições que esse sujeito vai desdobrando no seu itinerário educativo e de vida. Esses desdobramentos se tornam possíveis dentro da perspectiva que o romancista explora: a linguagem cavando territórios que nomeiam situações de criação perante o seu desejo. Com Larrosa (2001) partimos da convicção de que o poder da palavra, à medida que esta produz sentido, cria realidades e potencializa a subjetivação e, sobretudo, cria possibilidades de descoberta de experiências, de nomear o que somos, o que nos acontece, o que nos modifica.

Naquele tempo a escola era risonha e franca (JURANDIR, 1995, p.187). Dalcídio alude à desilusão escolar de Alfredo, quando ele sugere que os “cajus” (fruta comestível) têm algo a dizer mais que a escola do seu Proença. *A realidade daquela viagem para a escola só estava nos cajus. Alfredo tinha era camaradagem pelos cajueiros. Eles ensinavam mais que o seu Proença* (JURANDIR, 1995, p.143).

Dalcídio transborda a subjetivação ao personagem Alfredo, dando ao pequeno marajoara a potencialidade de experimentar um novo caminho de formação tomado pelo ato da experiência com os cajus até chegar a sua escola. *O que o diverte na sua ida para a escola são os cajus que seu Roberto apanha de seu quintal e lhe dá quase todas as tardes* (JURANDIR, 1995, p.89).

Com esse propósito, Larrosa propõe uma educação que nasça da vida, aqueles saberes que nascem do que acontece ao sujeito ao longo da sua trajetória de vida, ou seja, são vivenciados na sua “carne”. A experiência surge como a potencialidade de nos colocarmos *diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos*, mas uma vivência com sensatez, sabedoria de vida, refletindo cada acontecimento, dando sentido que ao nos passa, nos acontece, nos toca, nos transforma de algum modo.

Percorrendo as linhas do romance nos itinerários do personagem Alfredo, colocamo-nos a pensar: Que educação é possível construir a partir da nossa própria criação e das vivências que circundam nosso dia-a-dia? Essa reflexão se aproxima do ponto de vista nietzschiano “como se chega a ser o que se é”, nos interrogando sobre quem somos a partir de nossa própria invenção nos meandros da linguagem. Tomado por uma perspectiva nietzschiana, para Jorge Larrosa, talvez a arte da educação como invenção não seja outra coisa senão a arte de fazer com que cada um se torne único em seu projeto de criação, até sua própria altura, até seu próprio voo, até o melhor de suas potencialidades.

Segundo Holanda, “o personagem Alfredo é a ficcionalização de valores culturais amazônicos” (2006, p.123). Refletindo com Holanda essa projeção do pequeno Alfredo de Dalcídio desdobrando numa produção de valores culturais, imediatamente nos vem ao pensamento o filósofo Deleuze quando traz para sua obra *Diferença e Repetição* o pensar sobre cultura; para Deleuze “a cultura é o movimento de aprender, a aventura do involuntário, encadeando uma sensibilidade, uma memória, depois um pensamento, com todas as violências e crueldades necessárias” (DELEUZE; GUATTARI, 2006, p.270).

Ainda inferimos por meio dessa educação que Dalcídio Jurandir permite descortinar, um escritor negro, comprometido com as questões de dominação e inferiorização de sua raça, ele não poderia deixar de possibilitar ao pequeno Alfredo a vivência e a construção de um importante aprendizado, a constituição da raça, embora Alfredo não se definisse como branco ou negro *gostava de ouvir sua mãe cantar. --- Tua boca é doce pra dizer isso... que sou um branco. Tu não vês a minha cor? --- Alfredo não queria ser moreno mas se ofendia quando alguém o chamavam de branco* (JURANDIR, 1995, p. 19).

[...] sua mãe cantava assim com essa quentura humana, essa lembranças e ele não sabia que quando ela cantava para o adormecer, era com todo esse peso de sofrimento, de saudade. Por isso achava aquele encanto nas modinhas de sua mãe. Vinham da carne, da sua experiência, de sua aventura nos seringais (JURANDIR, 1995, p.147).

Dona Amélia ao entoar as cantigas ressoa a herança do sangue escravo que corre em suas veias, a recordação da sua origem, a saudade da sua gente e a triste lembrança dos vestígios que ressoavam a “tragédia da raça”. Provavelmente, Alfredo aprendia que nem todos nasciam com as mesmas condições, com as mesmas possibilidades e

oportunidades, daí o ar de sofrimento entoadado por Dona Amélia, que tinha certo encanto para Alfredo.

Instaurando um pensar sobre os ensinamentos vivenciais instigados por Dalcídio, esses ensinamentos também nos provocam um exercício de pensamento, um convite ao pensar/filosofar: O que podemos extrair das linhas desses relatos vivenciais que outrora nomeamos de uma “educação menor” para o povo amazônida? O que ainda podemos vislumbrar nessa educação “encharcada” de acontecimentos enredados na trama dalcidiana? Pensando com Sílvio Gallo, podemos experimentar “exercícios de pensamento, exercícios que, por sua vez, nos façam pensar ainda mais. Exercícios de pensamento que implicam um devir, um processo, um movimento. Pensar a educação como acontecimento, como conjunto de acontecimentos” (GALLO, 2008, p.53).

Em Alfredo vislumbramos o desejo de educar-se além das águas marajoaras, já que “*o analfabetismo, saibam, é um flagelo social*”; e a fuga de Cachoeira também implica a fuga desse flagelo, pois se trata de um “mal” que transborda os muitos lugares do Brasil daquele tempo em que a obra foi produzida e deste tempo em que a desbravamos, como é possível observarmos na passagem do romance: *Em matéria de educação sou intransigente. Sou intransigente! Se todos os professores fossem como eu não havia mais analfabeto no Brasil. O analfabetismo, saibam, é um flagelo social! É pior que a cólera, o tifo, a escarlatina...* (JURANDIR, 1995, p. 37).

Espreitando a fala do professor do personagem Eutanázio, vislumbramos que Dalcídio problematiza os modos da Educação de todo território brasileiro, com mínimas condições de vida daquele período. Neste momento não mais ocupando o lugar de romancista que apresenta a vida e a inteireza da *aristocracia de pés no chão* do interior amazônida, Dalcídio apresenta uma criação da realidade educacional de todo o Brasil, ao escrever com miúdas palavras, que embora a cólera, o tifo, a escarlatina fossem doenças dilacerantes e mutiladoras, provavelmente os males do século, o analfabetismo em sua projeção era o pior flagelo social, açoitando homens e mulheres sem educação escolar e destinando-os a uma vida miserável sem possibilidades de uma vida digna e cidadã. Flagelos de sua *aristocracia de pés no chão*.

Exercitando um deslocamento com Dalcídio, por meio de miúdas palavras, mas de uma extensão gigantesca de pensamento, esta tensão da realidade do analfabetismo nos põe a pensar que o desafio de sua “educação menor” transborda as correntezas das águas marajoaras, perfurando fendas e cavando buracos por onde escoar e reverberar

suas palavras de inconformismo, denúncia e protesto para outros lugares do Brasil e do mundo, deflagrando modos de vida e mostrando que as condições da educação no Marajó ao mesmo tempo em que se singularizam nas práticas culturais de seu povo, assemelha-se a tantas outras de difíceis realidades tão bem traduzidas nas linhas sensíveis do romancista em *Chove nos campos de Cachoeira*, fazendo com que a experiência da leitura seja capaz de nos modificar profundamente.

LINHAS DE SAÍDA

Nestas linhas de saída não tão conclusivas, defendemos uma educação como invenção em *Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir, obra que ainda desafia o tempo e desafiará muitos outros trabalhos por vir. Neste texto, não houve a intenção de buscar por “verdades” subscritas nas entrelinhas do romance, mas tão somente pensar sobre aquilo do qual foi possível falar de uma educação em geral e uma educação marajoara em particular, e esta, sob um patamar de uma “educação menor” com amplas potencialidades de pela *desterritorialização* da linguagem, traçar ações *políticas* capazes de reverberar enunciações *coletivas* na relação com o outro.

Sabe-se que se trata de um gesto ousado, mas os riscos são necessários se desejamos produzir outros modos de pensar uma educação nos interstícios da filosofia e da literatura, movidos por um movimento de desterritorialização do já instituído sob todas as suas formas. Transbordados os campos como o literário, o filosófico, o poético, o político, o cultural, o educacional, aqui descortinados no itinerário deste artigo, podemos afirmar que Dalcídio Jurandir deixou rastros significativos plenamente atuais e de grande potencial de estudo no meio acadêmico e literário.

No romance dalcidiano, as situações educacionais vivenciadas por Alfredo – situações que não dizem respeito somente à sua escolarização, mas também aos valores e conhecimentos apregoados por uma cultura e sociedade –, são situações “encharcadas” de sentidos, constituindo a “matéria” de escrita para as suas letras.

No tocante ao personagem Alfredo e seu itinerário formativo e condições de vida em Cachoeira, ressaltamos que embora fosse um moleque com as pernas marcadas de feridas e assombrado de constantes febres, apontou para a superação da sua própria miséria, miséria econômica, cultural, social e principalmente, miséria educacional, tornando-o capaz de desejar ir além de si mesmo, para além dos determinismos,

capacidade que foi produzida, em sua maior dimensão, no pensamento do menino fraco na sua saúde, mas poderoso e forte no pensar, gozando de “grande saúde” no pensar e imaginar. Não por acaso associamos o pequeno Alfredo ao Zaratustra de Nietzsche como emblema da criança que *jogo*, inocência na criação.

Descortinamos o *inventor* Dalcídio, criador do pequeno Alfredo, um outro sonhador. Em Alfredo vislumbramos uma “educação menor” habitando as margens do não dito, uma educação nascida no/do cotidiano, da rebeldia, da imaginação no criar. Daí a invenção dos inúmeros passeios pelos campos cachoeirenses feitos por Alfredo, dando ao pequeno marajoara a potencialidade de se descobrir perante sua subjetivação, do encontro com o outro. Do mesmo modo, os cajus de todas as tardes antes de chegar à escola de Proença permitiram a Alfredo uma *saber vivencial* (FARIAS 2009) extraído dos encontros com outros moradores cachoeirenses e situações vivenciais.

Entre as invenções que circundam o romancista Dalcídio Jurandir também tomado por uma inspiração filosófica, ele ainda inventa o caroço de tucumã como o talismã do menino marajoara, criando um lugar onde os pensamentos de Alfredo flutuavam, era onde o colégio Anglo-Brasileiro ganhava vida. A bolinha faz-de-conta que subia e descia na palma da mão de Alfredo o fazia sonhar com o círio de Nazaré, os bondes, o teatro, uma fuga certa perante a situação triste que apresentava a cidade de Cachoeira. Jogo de dados do destino num ápice de criação.

Finalizando estas linhas de saída, dispostas ao exercício do pensamento, apoderamo-nos de forças que provocam o pensar neste trabalho, ousando fazer da escrita literária um (im)provável lugar de *educação como invenção*. Com Benedito Nunes (1995), vislumbramos que as palavras possam assegurar as verdades e não separá-las das palavras inventivas, ficcionais. Pois toda palavra tem algo a dizer, a produzir, a criar sentido dentro de uma perspectiva do que somos, do que nos tornamos.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução Cíntia Vieira da Silva; revisão da tradução Luiz B. L. Orlandi. 1. ed.; 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

- FARIAS, Fernando Jorge S. **Representação de Educação na Amazônia em Dalcídio Jurandir**: (des)caminhos do personagem Alfredo em busca da educação escolar. Dissertação de Mestrado (PPGED/UEPA). Belém-PA, 2009.
- GALLO, Sílvio. **Deleuze & a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de cachoeira**. 4. ed. Belém: Cejup, 1995.
- LARROSA, Jorge. **Nietzsche & a educação**. Jorge Larrosa; traduzido por Semíramis Gorini da Veiga. 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- _____. **Linguagem e educação depois de Babel**. Jorge Larrosa; traduzido por Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- _____. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001, por *Leituras SME*;
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. **Escritos sobre educação**. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.
- NUNES, Benedito. **O drama da linguagem**. Uma leitura de Clarice Lispector. Benedito Nunes. Editora Ática S. A., 1995.